



O AMADRINHAMENTO COMO FORMA DE SOCIABILIDADE: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DE UMA FAMÍLIA DRAG QUEEN.

Marina Leitão Mesquita

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Introdução:

A presente pesquisa busca analisar o processo de amadrinhamento e de constituição das famílias de transformistas e *drag queens* em Fortaleza-CE. Procurei compreender os significados atribuídos pelos membros dessas famílias ao estabelecimento de laços afetivos, considerando os seus reflexos sobre as formas contemporâneas de constituir e significar família. O trabalho preocupa-se, ainda, em investigar as configurações concernentes a gênero e sexualidade dos sujeitos que compoem o grupo empírico desta pesquisa.

O amadrinhamento consiste em um parentesco socioafetivo estabelecido entre uma transformista ou uma *drag queen*, experiente e reconhecida entre o público e os profissionais das *boites* especializadas em exibir suas performances, e uma iniciante, que almeja aprender a manipular o seu corpo através da montagem, adquirir *glamour*¹, prestígio e reconhecimento profissional e familiar.

Através do amadrinhamento, a preceptora torna-se mãe da iniciante, que, por conseguinte, torna-se sua filha e irmã das demais amadrinhadas. Essa relação é oficializada para toda a comunidade transgênero no momento que a matriarca do *clã* repassa o seu sobrenome de montagem a sua nova filha, a qual passará a utilizá-lo como elemento constitutivo de sua identidade social².

Entende-se por montagem a transformação momentânea ou permanente do corpo, através de perucas, vestimentas, maquiagem, enchimentos e acessórios de variados tipos. Além disto, a montagem é caracterizada pela aquisição de trejeitos, estilos, tons de voz e posturas. Tudo é realizado com o intuito de protagonizar um espetáculo ou para dar *close* em

¹ Na linguagem nativa, *glamour* significa ser bela, como as divas do cinema. Atraindo para si diversos admiradores.

² Por identidade social entenda-se o processo de ser reconhecido e reconhecer a si próprio como tal (BERGER, LUCKMAN, 1987).



festas, isto é, aparecer de forma notável em público. Trata-se de um processo ritualizado, cujo objetivo é a demarcação de territórios afetivos, políticos e identitários (Gadelha, 2009).

Em suas montagens, as transformistas procuram se aproximar ao máximo das qualidades culturalmente atribuídas à mulher. É comum se inspirarem em divas do cinema, para criação de seu nome de batismo transformista. A nomeação corrobora a tentativa de adequação aos padrões femininos de beleza e sensualidade vigentes. Os corpos são feminilizados em dias de festa e espetáculos, através de perucas, enchimentos no busto, quadris e nádegas, além das roupas, acessórios e maquiagem. É preciso ressaltar que a utilização do nome transformista não se restringe aos dias de espetáculo, podendo o mesmo ser usado (e geralmente o é) em outros locais, inclusive quando os sujeitos não estão montados (BENEDETTI, 2006; JUSTA, 2009).

As *drag queens* diferem das transformistas pela forma como performatizam o feminino. Uma *drag queen* se monta com os mesmos acessórios citados anteriormente e adota nomes femininos, que são usados em espetáculos e outros contextos. Entretanto, a exteriorização dos atributos culturalmente atribuídos ao gênero feminino é exagerada. Muitas vezes, não fazem questão de esconder traços fenotípicos atribuídos ao homem. De acordo com Justa (2009), a montagem *drag* faz uso de signos que remetem a características surreias, sendo isso uma das principais diferenças desses sujeitos em relação aos transformistas. Nas palavras de Louro (2004, p. 20): “[a] *drag* escancara a construtividade dos gêneros (...) ela assume a transitoriedade, ela se satisfaz com as justaposições inesperadas e com as misturas. A *drag* é mais de um. Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos.”

Transformistas e *drag queens* são considerados transgêneros³. Tanto na língua portuguesa como na língua inglesa (*transgender*), o termo é utilizado por referência às pessoas que, através do corpo e do comportamento, transgridem as representações de gênero estabelecidas.

Sobre o campo:

³ Incluem-se entre os transgêneros os travestis, aqueles que permanentemente estão montados, e os transexuais, aqueles que assumem a identidade de gênero diferente do sexo biológico.



Foram inúmeras as adversidades enfrentadas em campo, até porque a pesquisa foi realizada durante as noites e as madrugadas e a *boite* ficava longe de minha residência, em local estigmatizado, que dista apenas algumas quadras de uma área conhecida como *Cracolândia*, na qual inúmeros usuários de crack se reúnem para consumir drogas, planejar e realizar assaltos, os quais são corriqueiros. Fui vítima de um deles. Inobstante às adversidades, as descobertas realizadas me impulsionaram a seguir com a pesquisa, sobretudo porque percebi a extrema dificuldade dos transgêneros em se identificarem de forma estanque com as representações socialmente construídas de feminilidade e de masculinidade. Ao questioná-los sobre sua identificação com um dos gêneros, esses sujeitos mostravam que suas identidades só eram passíveis de apreensão num trânsito contínuo entre os gêneros, onde até o sexo poderia ser negado de alguma forma ou afirmado conforme variavam as horas do dia:

Sou anjo, não tenho sexo. (Drag Queen)

Durante o dia me considero feminina e masculina, mas, ao cair da noite, me considero feminina. (Transformista)

Ainda em campo, o processo de amadrinhamento entre os transgêneros mostrou-se uma interessante forma de problematizar as categorias de família, gênero e sexualidade. Percebi que refletir sobre a identidade de transformistas e de *drag queens* requer abordar os desdobramentos dos vínculos afetivos pautados por laços de parentesco por afinidade. Ademais, percebi que a compreensão dos modelos de família contemporânea não pode deixar de incluir arranjos que têm cada vez mais adquirido visibilidade na sociedade brasileira, engendrando movimentos de luta pelo reconhecimento de direitos sociais.

De fato, o amadrinhamento é o um processo que visa a transmissão de saberes, a ajuda mútua e a constituição de laços de solidariedade entre pessoas cujas identidades estão carregadas de estigmas. Por isso, é importante salientar os sujeitos se auto-identificam como uma família e que o amadrinhamento é uma realidade existente entre transformistas e *drag queens* de todo o País.

Amadrinhamento e organização familiar entre as Haddukan

No ponto em que se encontram minhas incursões no campo da pesquisa, tenho convivido com uma das principais famílias transgêneros de Fortaleza, a família Haddukan,



considerada um clã, composto pela matriarca Satyne e suas doze filhas. Destas, onze filhas moram no ceará e uma em São Paulo. A família é considerada uma das mais tradicionais de Fortaleza e goza do reconhecimento entre os profissionais da noite, o público e as outras famílias *trans* da cidade. Possui, ainda, um festival anual na *boite Divine* intitulado Haddukan Family, que ocorre na época do natal, apresentado por Satyne e que conta com a participação de todas as demais Haddukans.

O sentimento de pertença a um determinado clã e o orgulho em carregar o respectivo sobrenome são constituintes das identidades dos sujeitos *trans* e contribuem para a legitimação deles no universo de concursos e espetáculos públicos. Parece complexo o processo que dá início ao vínculo familiar afetivo, mas até onde pude perceber, ele emerge da admiração que uma candidata a filha sente pela matriarca, o que se faz seguir de jogos de sedução, para os quais a solicitude, o carinho, os elogios etc. são fundamentais.

A matriarca é considerada uma pessoa experiente e bem relacionada, capaz de facilitar o aprendizado e a inserção das iniciantes no mundo *trans*. A rede de relacionamentos profissionais estabelecida pela matriarca não explica isoladamente a admiração que desperta nas iniciantes, porque é notório que ela estabelece com estas relações empáticas que, com o passar do tempo, vão se transformando em ligações sentimentais mais densas.

Satyne, registrada civilmente James Nobre, foi um menino criado pela avó, dona de casa e diretora de drama⁴ e por sua tia, proprietária de um salão de beleza, que nunca se casou e dedicou-se a cuidar da mãe e do sobrinho. A maioria dos homens da família de James eram policiais e as mulheres eram demasiadamente religiosas. Por esse motivo, estudou em uma escola católica e abraçou o projeto de vida que lhe foi traçado pela tia e pela avó; ser padre. Ainda jovem, foi estudar em um seminário na Itália, onde permaneceu por cinco anos. Sobre esse período, Satyne tem dificuldades de falar, porém me confidenciou em entrevista que sofreu abusos sexuais e, por isso, retornou ao Brasil com depressão profunda. Aos 25 anos, assumiu sua homossexualidade e no ano seguinte começou a se montar, sendo uma das primeiras *drag queens* de Fortaleza. Atualmente, Satyne se considera transsexual. Possui silicone nos seios e nos glúteos, *mega hair* no cabelo e fez tratamento a *laser* para cessar os

⁴ Drama é uma peça de teatro, bastante comum no interior do Ceará. Os temas desses espetáculos são relativos a religiosidade e estão em conformidade com os preceitos da Igreja católica. No caso dos espetáculos de Dona Francisca, avó de Satyne, apenas as mulheres interpretavam os papéis da peça, travestindo-se como homens, quando necessário.



pelos do rosto. No entanto, não pensa em realizar a cirurgia de redesignação sexual⁵. Hoje, Satyne sobrevive com o dinheiro arrecadado em espetáculos, animações de festas e matérias escritas para o *site* cearense Zona Mix, direcionado para o público LGBT⁶.

As filhas de Satyne com quem manteve contato sempre falam com entusiasmo da história de vida, escolhas, visão de mundo, experiências e sucesso profissional da matriarca, o que é relevante na transmissão dos saberes relativos às técnicas de montagem. Uma das filhas de Satyne, Ághata Haddukan, durante uma montagem na casa da matriarca, para o desfile Miss Gay Messejana⁷, que tive a oportunidade de filmar, explicou o sentimento que tem pela mãe:

Eu tive vontade de ser filha da Satyne porque eu sempre admirei ela. Com ela eu aprendo bastante, não é mãe?! E não só a me montar, porque além de uma grande profissional, ela é uma pessoa maravilhosa e muito inteligente. Me ensinou várias coisas. Eu admiro muito o caráter dela.

Ághata Haddukan.

Inegavelmente, o desejo de fazer parte de uma família *trans* é pautado pela afinidade e pela admiração. Por esse motivo, é comum que uma candidata a filha trave uma verdadeira batalha pela efetivação do parentesco, que é oficializado para o público e para as demais famílias quando acontece o repasse do sobrenome:

Eu sempre achei a Satyne puro glamour. Passei a acompanhar todas as apresentações dela na Divine. Eu deixava recado no orkut, adicionava no MSN, fazia tudo! Mas ela dizia que não andava com “de menor” encangado não⁸. No dia que eu fiz 18 anos, ela me disse: vem, baitola, aqui em casa, que eu te monto. Ela me montou e a gente saiu, no dia da posse da prefeita. Eu andava na rua digna, parecia que tinha nascido montada! A partir desse dia eu comecei ir na casa da Satyne, sair com ela, fazer tudo com ela! Aí eu pedi pra ela me dar o sobrenome; as outras bixa já me chamava de Haddukan! Mas ela não dava, ela não dava! Aí quando foi no dia do meu aniversário, minha irmã que tava lá em São Paulo (Evelyn Haddukan) disse assim, no msn: e aí, maninha, parabéns! Quase que eu caio pra trás de tanta emoção! Falei com minha mãe e ela disse: toma, mulher, esse sobrenome! Aí pronto, virei Khayra Haddukan.

Khayra Haddukan, filha mais nova da matriraça.

⁵ Nas mulheres transexuais (homem para mulher), a cirurgia de redesignação envolve a reconstituição dos genitais, feminilização facial e aumento dos seios. Os homens transexuais (mulher para homem), também podem ser submetidos a um conjunto de cirurgias; remoção dos seios, lipoaspiração e reconstrução dos genitais.

⁶ A sigla LGBT, oriunda dos movimentos sociais, significa lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. A sigla é cercada de querelas; no início, se resumia a GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). Com a consolidação das lutas, passou a incluir as atuais categorias, acrescida do termo transgênero. Entretanto, excluíram a alusão aos sujeitos *trans*, considerando que os mesmos não correspondem a uma categoria política. Já os movimentos feministas, exigiram que a letra que representa as lésbicas passasse a constar no início, objetivando não se sentirem duplamente subjugadas.

⁷ Trata-se de um concurso que elege a mais bela transgênero do ano. Acontece no bairro de Messejana, periferia de Fortaleza.

⁸ A preocupação desta afirmativa parece muito mais ligada a perspectiva de evitar possíveis complicações com a



Como é possível perceber, o estabelecimento do vínculo socioafetivo é um processo difuso e polifônico. A um só tempo, visa o objetivo específico de aquisição dos saberes de montagem, e satisfação de necessidades muito mais amplas, como aquelas relativas ao sentimento de pertença a uma família e à assunção de uma identidade social.

O vínculo entre mãe e filhas não se restringe aos momentos de ensinamento e repasse de técnicas de montagem. Elas compartilham experiências, segredos, sonhos e mantêm contatos frequentes. Há uma dependência afetiva e econômica das filhas em relação à mãe.

Ao realizar uma filmagem do ritual de montagem na casa da matriarca, disponibilizei-me a deixar as filhas em suas casas no final da noite. Nenhuma delas aceitou meu convite, todas afirmaram que queriam dormir na casa de Satyne, a exemplo do que é frequente ocorrer:

Menina, elas dorme tudo aqui! Tem dias que tem é cinco, seis dormindo aqui em casa! Eu armo a rede pra mim, aqui em cima da cama; deixo duas na minha cama e coloco um colchão no chão pra outras. Fica tudo aí, espremidinha!

Satyne Haddukan.

Uma série de regras são impostas pela matriarca às filhas, sobretudo aquelas que se referem a preservação da honra do sobrenome Haddukan, por ocasião das performances de quaisquer dos membros da família:

No último concurso Top Drag, que eu apresentei, a “pêssega”⁹ tava concorrendo. Foi a primeira vez dela. Mas ela não envergonhou a família não! Ela honrou o sobrenome e foi digna até de uma nota num site.

Satyne Haddukan,

O fato de não haver consanguinidade, e sim uma escolha mútua em fazer parte do clã, estimula a proximidade e a solidariedade entre os membros da família. Entretanto a rivalidade entre as irmãs é frequente. Para tanto Satyne estabelece regras que buscam tanto evitar conflitos, quanto garantir a manutenção da honra familiar, o que é internalizado pelas filhas.

Nunca aconteceu de duas filhas minhas concorrerem no mesmo concurso! Mas eu queria até ver como ia ser, sabia?! Eu acho que nunca aconteceu porque quando uma delas está concorrendo, as outras são solidárias e ajudam a irmã a subir¹⁰. Eu quero que elas honrem o meu clã, claro, mas eu acho que as próprias irmãs se cobram entre si mais do que eu cobro elas.

Satyne Haddukan.

A escolha do nome de uma transformista e de uma *drag* nunca acontece de maneira aleatória. Satyne explicou que adotou o nome da protagonista do filme “Moulin Rouge”¹¹, e o

Justiça. Diversas vezes presenciei menores de idade frequentando a casa de Satyne e auxiliando suas montagens.

⁹ Na linguagem nativa, significa uma pessoa boba e ingênua.

¹⁰ Na linguagem nativa, significa fazer tudo o que for necessário para que a performance saia a contento. Desde a ajuda com as vestimentas, a manipulação do corpo até a escolha da música e preparação da coreografia.

¹¹ Musical inspirado em três óperas, que conta a história de uma cortesã de luxo do século XIX. Já o seu sobrenome.



sobrenome foi inspirado no de uma ginasta olímpica russa.

Como o sobrenome constitui um sinal distintivo para a vida profissional da família, honrá-lo também significa evitar o envolvimento em episódios que possam ser interpretados como falta de educação, o que pode ser suficiente para que a matriarca renegue uma filha:

Vou nem dizer o nome da bixa, que é para não “gongar”¹² ninguém. A bixa era “boca de confusão”, viu! Uma vez brigou feio na Divine, com uma amiga nossa, se descabelou toda. A Satyne ficou tão “puta” com ela! Disse que ela não podia mais ser uma Haddukan não. Que uma Haddukan não faz essas “baixaria” não.

Evellyn Haddukan.

A manutenção do prestígio é tão importante que muitas transformistas e *drag queens* influentes optam por não ter filhas, pois consideram muito perigoso dar o seu sobrenome a alguém que poderá não honrá-lo. O fato de algumas não desejarem filhas está relacionado às responsabilidades que disto se derivam:

Tem drag que não quer ter filha! Igual uma mulher que pode não querer também. Dá trabalho, tem ensinar, tem maquiagem... A maquiagem é cara, de filha a gente não cobra... E acaba que a gente nunca sabe se vai levar o nome da família direito, né?

Satyne Haddukan.

Diante do que foi exposto, inquietam-me algumas questões: o que significa para a matriarca constituir uma família e para as filhas serem irmãs e possuírem uma mãe? Qual as relações estabelecidas entre as famílias *trans* e as famílias de origem? Para além da transmissão de saberes, como a pertença ao clã determina o processo de construção das identidades dos sujeitos e os papéis familiares que lhe são atribuídos? Como são pensadas as perspectivas de sucessão familiar? Que implicações jurídicas são vislumbradas pelos sujeitos? Que tabus são estabelecidos nas relações entre os membros do clã e quais as consequências de sua violação?

O amadrinhamento no contexto dos laços familiares:

A reflexão sobre a família é um tema recorrente nas Ciências Sociais. Diversos autores se propuseram a pensar a instituição, buscando entendê-la através da comparação das variadas formas de vivenciar esse vínculo.

Em seu estudo sobre a família, Lévi-Strauss (1982) compara as concepções de

¹² Os sujeitos *trans* empregam essa palavra como sinônimo de ridicularizar ou humilhar alguém.



diversos grupamentos sociais, esclarecendo que, para além da visão cristã-ocidental, a família é entendida e vivenciada das mais variadas formas. Analisando diversos exemplos de famílias (patriarcais, matriarcais, baseadas no matrimônio, poligâmicas, poliandricas etc.), este autor demonstra o quão problemático é buscar explicar a família apenas em termos naturais de procriação, instintos maternais e sentimentos psicológicos entre homem e mulher e entre pais e filhos. Apesar de considerar o matrimônio uma peça fundamental para caracterização da família, observa-se que a instituição não se consumiria caso não houvesse uma pluralidade de grupamentos familiares prontos para reconhecer a existência de outros laços além dos consanguíneos e que o processo natural de filiação acontece necessariamente através do processo social da afinidade.

A concepção de família matrimonial, monogâmica e heterossexual ainda hoje prevalece em nossa sociedade, a despeito da diversidade de formas de famílias vivenciadas atualmente. As uniões homoafetivas, as famílias constituídas independentemente do casamento ou as famílias sem filhos, por exemplo, tornam essencial a abertura do conceito, tanto entre os estudiosos das ciências sociais, quanto das ciências jurídicas.

O conceito básico de família, segundo Antony Giddens (2001, p.151) diz respeito a: “um grupo de pessoas diretamente unidas por conexões parentais, cujos membros adultos assumem a responsabilidade pelo cuidado das crianças.”, enquanto o de parentesco implica “conexões entre indivíduos, estabelecidas tanto por casamento como por linhas de descendência, que conectam parentes consanguíneos.”. A tentativa de compreender o objeto desta pesquisa, o processo de amadrinamento e de constituição das famílias de transformistas e *drag queens* à luz dos conceitos básicos de família e parentesco, revelaria grandes dificuldades. Em primeiro lugar, as famílias *trans* não se caracterizam pela assunção de responsabilidades pelo cuidado de crianças. Em segundo lugar as linhas de descendência excluem a consanguinidade, o que torna praticamente impossível a caracterização do referido grupo. Uma possibilidade de reflexão seria, então, a referência aos laços socioafetivos e aos processos de auto e hetero percepção constitutivos das identidades sociais dos sujeitos como meio de identificar a família.

Outro importante viés analítico está vinculado a tradição anglo-saxã de estudos de família e parentesco. A partir da idéia inicialmente colocada por Schneider em sua obra *Critique of the study of kinship* (1984) de que o parentesco por ser indexado a símbolos de



sexo e gênero era essencialmente produto do etnocentrismo ocidental, diversos estudos começaram a evidenciar uma nova forma de compreender as conexões parentais. Levando em consideração não apenas os fluidos corporais, como sangue e sêmen, vários estudiosos, e em especial autoras vinculadas a epistemologia feminista, desenvolveram um conceito mais fluido: *relatedness* ou relacionalidade. Nesse sentido, inúmeros artigos que colocam em cheque a hegemonia do laço de consangüinidade frente às inovações tecnológicas da biomedicina, à miríade constituída pelos mais improváveis arranjos familiares, às famílias homoafetivas, à grupos de amigos que se consideram uma família etc. A relacionalidade diz respeito às conexões que podem ser vivenciadas por pessoas e/ou grupos que, apesar de não compartilharem dos mesmos fluidos corporais ou não estarem devidamente previstas pela legislação vigente, entendem-se como parte integrante de uma família e atribuem significados relativos a sentimentos familiares a si e aos demais membros do grupo.

A compreensão jurídica e social da família contemporânea mudou radicalmente após a entrada em vigor da Constituição federal de 1988 e a revogação do Código Civil de 1916. Este previa uma estrutura familiar exclusivamente matrimonializada, patriarcal, biológica, unidade de produção e reprodução. Atualmente não é mais possível aprisionar o direito das famílias sob essas égides, pois a lei prevê o caráter diverso das entidades familiares, as quais entende como pluralizadas, hetero ou homoparentais e como unidades socioafetivas.

Decerto, essas mudanças na legislação são, essencialmente, oriundas da emergência de novas formas de relações sociais, dentre as quais, obviamente, se encontram as famílias *trans*. Acredito, portanto, que os processos familiares que pretendo investigar, muito podem elucidar sobre as formas contemporâneas de constituir e significar família, contribuindo, também, para a compreensão de novas dinâmicas e rearranjos familiares, os quais podem, ainda, revelar alhures sobre como os padrões tradicionais estão presentes no imaginário da sociedade brasileira.

Gênero e Sexualidade entre os sujeitos do amadrinhamento:

Conquanto a noção de gênero diga respeito a papéis sociais, as noções de masculinidade e feminilidade sempre foram aparentemente bem demarcadas e referidas ao sexo biológico.



No Ocidente, o lugar da sexualidade desenvolveu-se a partir de uma matriz heteronormativa, que excluiu dos padrões socialmente aceitáveis tudo o que é relacionado à sexualidade não-heterossexual e às experiências de gênero não binárias, varrendo-as para um campo de pessoas perigosas e aquém daquelas que seguem os padrões da heteronormatividade compulsória (BUTLER, 2005).

Entretanto, quando se multiplicam as experiências que transgridem essa matriz, indivíduos que subvertem essas construções sociais, transitando entre as referências de gênero cristalizados, apropriando-se momentaneamente de uma delas e reinventando suas identidades de forma ambígua, causam, a um só tempo, curiosidade, atração e repulsa. As transformistas e as *drag queens* apropriam-se dessa subversão identitária transitoriamente, fazendo da ambiguidade uma característica essencial. Por exemplo, a filha drag de Satyne, Lua Haddukan, é biologicamente mulher. Satyne, que já se definiu como homossexual casado com um outro homem, se montando apenas para realização de performances noturnas, hoje é transexual e namora uma mulher, o que faz com que amigos e familiares considerem Satyne uma “lésbica”.

Considerando a transitoriedade da identidade de sujeitos como Satyne, parece-me igualmente importante compreender o amadrinhamento e o processo de constituição de famílias como a das Haddukan no contexto das lutas pela conquista de direitos do movimento LGBT. Até que ponto se pode dizer que a Família Haddukan e outras famílias trans se afastam ou se aproximam das alternativas vislumbradas pelo movimento LGBT de construir realidades sociais plausíveis para expressão das identidades sociais dos sujeitos do grupo empírico? Seriam as famílias trans a expressão da necessidade de construir novas alternativas, difíceis de vislumbrar em meio às estratégias do movimento LGBT?

Os indivíduos transgêneros parecem não se identificar com nenhuma das categorias propostas pelos movimentos sociais LGBT. Em entrevista, foi-me relatado pela matriarca que eles não se sentem contemplados nas estratégias empreendidas, pois, segundo ela, o movimento preocupa-se prioritariamente com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, enquanto os ambientes estudantis, familiares e profissionais insistem em permanecer hostilizando travestis e transgêneros. Foi dito, ainda, que durante as paradas pela diversidade sexual, as *drag queens* e as transformistas são deveras festejadas, porém esquecidas no cotidiano de injustiças. Parece-me, portanto, que os grupos constituídos por



esses sujeitos constituem-se em uma importante estratégia de resistência frente ao difícil cenário. É, ainda, uma forma não reconhecida pelo movimento de buscar apoio, reconhecimento, aceitação e uma positivação de seus atributos.

Buscar entender a transitoriedade inerente a identidade desses sujeitos e participar de suas experiências de vida, me pareceu um caminho fecundo para perceber que as fronteiras da sexualidade e das relações de gênero na contemporaneidade, não são lugares onde se operam disjunções, mas sim, onde as diferenças podem dialogar.

Conclusão:

Os sujeitos do grupo empírico, apesar de não terem compartilhado entre si os anos de infância, de não terem recebido da matriarca educação em seus primeiros anos de vida, de não estarem ligados por fluidos corporais e de não morarem na mesma residência, se auto-identificam como uma família e, por meio da utilização do conceito de relacionalidade, foi possível vislumbrar como os membros vivenciam esse vínculo e investigar suas concepções sobre família em relação a sócio-afetiva e a consangüínea.

Atualmente, vivemos uma época de muitos contrastes. Apesar de tão alarmados “maus tempos” para a instituição familiar, o que podemos perceber diante de experiências como a do amadrinhamento, é que a constituição de uma família e os benefícios que dela emergem, estão cada vez mais sendo desejados e, por isso mesmo, incessantemente reinventados. O fato de pessoas que sofrem reiteradamente preconceito e são vítimas de atitudes intolerantes de diversas instancias da sociedade, se unirem sob a proteção de um clã e de um sobrenome que goza de prestígio em seus círculos sociais, é um indício da importância que é dada por esses sujeitos a família e ao apoio proporcionado por pessoas que estão, de alguma forma, conectadas por um vínculo efetivo. Se a família consangüínea de origem não pode oferecer a proteção almejada, facilitando e colaborando para o crescimento pessoal e profissional do sujeito; estes reinventam suas experiências, ressignificam seus sentimentos, criam novas estratégias de sobrevivência e buscam meios de materializarem seus sonhos.

Diante dos dados obtidos por meio da observação participante e da descrição densa dos fenômenos, pude perceber que quando um membro da família obtém um êxito, os demais integrantes do clã também se sentem vitoriosos pela conquista. Se a matriarca é, de alguma maneira, celebrada, todas as suas filhas sentem-se lisonjeadas, pois sua mãe é *glamourosa* e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

consequentemente elas advêm de uma boa linhagem e obtiveram bons ensinamentos. Já se uma filha ganha um concurso, a mãe é em grande parte responsável pela sua vitória, já que foi ela mesma quem lhe ensinou a se montar e que, em grande parte dos casos, foi a responsável pela produção e/ou performance vitoriosa. As irmãs também sentem orgulho umas das outras e em contrapartida podem sentir vergonha e serem, inclusive, responsabilizadas por uma montagem ruim de suas familiares.

Sendo assim, é possível concluir que o vínculo familiar se dá em diversos âmbitos de suas vidas, ultrapassando as barreiras profissionais e que o fato de serem integrantes de um grupo familiar ao qual escolheram fazer parte e lutaram para a efetivação da relação é um elemento constitutivo de suas identidades sociais. Percebe-se, ainda, que a relação entre a família consangüínea coexiste paralelamente ao convívio com a sócio-afetiva e que os significados atribuídos a ambas se entrecruzam e interpenetram-se.



5. Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENEDETTI, Marcos. **Toda feita**: corpo e gênero das travestis.
- BENEVIDES, Marinina Gruska. **Entre ovelha negra e meu guri**. Família, pobreza e delinquência. São Paulo: Annablume, 2008.
- BERGER, Peter I., LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter o “anthropological blues”. **Comunicações do Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social 1**. Rio de Janeiro: Museu Nacional; UFRJ, 1973.
- DA-RIN, Silvio. **Espelho partido**. Tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- GADELHA, Juliano Barbosa. **Masculinos em mutação**: a performance drag queen em Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- GAGLIANO, Paulo Stolze, PAMPLONA FILHO, Rodolfo. **O novo divórcio**. São Paulo: Saraiva, 2010.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da identidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: EDUNESP, 1992.
- _____. **Sociologia**. Rio Grande do Sul: Artmed, 2001.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982
- HOEBEL, E. Adamson, FROST, Everett L. **Antropologia cultural e social**. São Paulo: Cultrix, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

- JUSTA, Juliana Frota da. As performances de travestis, transformistas e drag queens: visibilidades, agenciamentos e subjetividades. **Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social**, 15, 2009, Maceió. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/325.%20as%20performances%20de%20travestis,%20transformistas%20e%20drag%20queens.pdf em 25 out. 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo Quinze; São Paulo: EDUNESP, 2006.
- SHAPIRO, Harry L. **Homem, cultura e sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.